

A política econômica que surgiu do frio

Os meios de comunicação social conservadores tratam Jeremy Corbyn como um companheiro de viagem dos soviéticos, enquanto permanecem em silêncio sobre o candidato trabalhista ao cargo de Ministro das Finanças quando propõe uma visão que rompe com o velho modelo burocrático estatal.

O Ministro das Finanças paralelo John McDonnell mal consegue sussurrar uma palavra sobre nacionalização sem desencadear um escândalo na mídia, por isso é estranho que seus comentários mais interessantes sobre o assunto tenham passado quase despercebidos. Falando em fevereiro sobre a nova política econômica do Partido Trabalhista, McDonnell disse: “Não devemos tentar recriar as indústrias nacionalizadas do passado... Não podemos sentir nostalgia por um modelo cuja gestão tem sido frequentemente muito distante, muito burocrática. Em vez disso, acrescentou, um novo tipo de propriedade pública seria baseado no princípio de que “ninguém sabe melhor como gerir essas indústrias do que aqueles que passam a vida nelas”.

O silêncio dos meios de comunicação social em torno desta visão profundamente democrática da propriedade pública pode não ser de todo estranho: não é em vão e abertamente contrariado pela tentativa de reacender os receios da Guerra Fria de uma liderança trabalhista supostamente pró-soviética cujos projectos de propriedade pública constituem o primeiro passo para impor uma economia de ordem e comando ao povo britânico ignorante. Agora que as histórias dos espiões tchecos se revelaram falsas, podemos comentar o novo pensamento democrático do Partido Trabalhista de forma mais produtiva e talvez alguns meios de comunicação social prestem atenção. O fato é que este novo pensamento sobre a propriedade pública abre uma rica veia de novo pensamento econômico, além

do neoliberalismo e do bem-estar social-democrata pós-guerra.

Enquanto o neoliberalismo diz que os mercados são os que mais sabem, o modelo de inspiração fabulosa do estado de bem-estar social de 1945 – sem desconsiderar todos os seus méritos notáveis – deixou os trabalhadores sem qualquer papel na gestão das indústrias recém-nacionalizadas. Beatrice Webb, uma das líderes fabianas, declarou desconfiar do “homem meio razoável” (capaz de “descrever suas queixas”, mas não de “prescrever seus remédios”) e defendeu que as empresas públicas fossem dirigidas pelo “especialista profissional”. Na prática, isto significava frequentemente deslocalizar os mesmos empregadores de empresas privadas para a versão pública, para além de um ex-general ou dois.

Subjacente à “nova política” do Trabalho está uma nova e muito diferente compreensão do conhecimento, incluindo o que é considerado conhecimento, na administração pública e, portanto, de que portadores desse conhecimento são de interesse. Porque se as indústrias devem ser geridas por “aqueles que nelas passam a vida”, é o reconhecimento do know-how derivado da experiência prática, que é muitas vezes bastante tácito e não codificado: uma compreensão do conhecimento especializado que abre a tomada de decisões a uma participação popular mais ampla, para além do patrono privado ou do burocrata do Estado. Como disse McDonnell, precisamos “conhecer as experiências cotidianas daqueles que sabem administrar estações de trem, empresas fornecedoras e serviços postais, e as necessidades de seus usuários”.

0 modelo Preston

O discurso de McDonnell foi precedido por uma conferência igualmente inovadora em Preston, inspirada pelo desejo de aprender em primeira mão sobre o trabalho do conselho da cidade e das cooperativas e sindicatos locais. O seu empenho nesta política, tal como o de Jeremy Corbyn, é fruto de uma vida inteira de contemplação da sabedoria largamente

inexplorada que existe no coração do movimento sindical: o extraordinário nível de conhecimento que os sindicalistas de base possuem sobre o seu trabalho e as suas ideias sobre melhores formas de o organizar.

Isto ecoa lutas passadas, como o plano dos trabalhadores da Lucas Aerospace para assegurar uma produção útil para a sociedade e a sua continuação na estratégia industrial do Conselho da Grande Londres, imediatamente antes da sua abolição por Margaret Thatcher. Há também um eco de uma expressão esquecida da antiga Quarta Cláusula do Partido Trabalhista, que não só defendia a propriedade comum, mas também “o melhor sistema viável de gestão e controle popular de cada empresa ou serviço”. Foi uma expressão que a maior parte do tempo dormia numa gaveta antes de ser eliminada em meados da década de 1990, mas agora temos uma liderança trabalhista que acredita verdadeiramente na capacidade das pessoas para assegurar uma “administração popular”.

Evidentemente, não será fácil conceber novas formas de propriedade pública participativa que se baseiem não só no saber-fazer dos trabalhadores de uma determinada indústria (pensem nos caminhos-de-ferro, nas barragens, nas redes de esgotos, etc.), mas também no conhecimento dos utilizadores, dos clientes e das comunidades circundantes. Mas o Partido Trabalhista abre agora as portas para aqueles que gostariam de apresentar suas próprias ideias sobre propriedade pública que se afasta em grande parte do estilo antigo e envolve uma redefinição do que significa público. Para isso, convida sindicatos, autoridades locais e movimentos sociais de vários tipos a participar de sua inteligência criativa. O modelo Preston é mais um exemplo disso.

Os fracassos da privatização e a intensidade das necessidades sociais, junto com questões como a iminência da mudança climática, levaram uma nova geração a espiar novas estratégias e buscar alianças: não apenas para protestar, mas também para colaborar em torno de alternativas reais que possam existir

aqui e agora. Embora os sindicatos sejam geralmente mais fracos do que no passado, os grupos de Momentum e os grupos trabalhistas locais podem, até certo ponto, preencher a lacuna desenvolvendo alternativas práticas a nível local.

Cooperar pela transformação

O movimento cooperativo, por exemplo, sente que está novamente em ascensão, agora que a empresa privada está falhando em satisfazer as necessidades sociais e ambientais, e que os desempregados – especialmente os jovens – vêem a cooperação como a única maneira ética de fazer um caminho na vida. Ele descobre que as mesmas tecnologias que as empresas modernas têm usado para fragmentar o trabalho podem ser redesenhadas como instrumentos de colaboração social. Estas experiências, nascidas da necessidade, podem ser a base de uma força transformadora capaz de ajudar os Trabalhistas a vencer as próximas eleições e de formar a base de uma nova ordem económica democrática quando os Trabalhistas formam governo.

Este reconhecimento da classe trabalhadora não apenas como um interesse a ser defendido, mas como um aliado experiente e criativo no processo de produção de riqueza social, reforça notavelmente a aspiração do Partido Trabalhista de ser o melhor partido ao qual o eleitorado pode confiar a economia. Isto permite que o atual Partido Trabalhista quebre o pacto tácito que diz que a empresa privada deve ser capaz de realizar a produção, enquanto o Estado lida com a redistribuição; que supostamente eficiente, isto supostamente equitativo. Esta pedra angular do consenso do pós-guerra deixou efectivamente o Partido Trabalhista com uma mão atada atrás das costas e à custa da acusação de ser o partido da despesa e não o da criação de riqueza. E já que as questões da organização da produção foram deixadas nas mãos dos capitalistas, a sólida afirmação do Partido Trabalhista de que, como partido da classe trabalhadora, é o verdadeiro partido da criação de riqueza foi posta em questão. Afinal, o dinheiro (capital) sem trabalho é improdutivo. O trabalho, por

outro lado, pode ser produtivo sem capital privado, através do trabalho em equipe (i.e., cooperação) e através de fundos públicos e coordenação.

Quando os Conservadores vêm agora perguntar se a economia pode ser confiada ao trabalho, esta nova política económica tem uma resposta: o trabalhismo não é outro grupo de peritos de confiança, comissários de um plano central ou defensores de um interesse particular, mas depende de apoio ativo e confia naqueles de quem dependem a riqueza e o bem-estar social. Para os muitos, pelos muitos. E o partido empresarial já não pode pretender ter o monopólio da sabedoria na criação de riqueza social, nem pode desqualificar de forma crível o Partido Trabalhista de Corbyn como uma simples cópia de carbono do antigo socialismo de Estado.

Isto é realmente um Novo Trabalhismo, embora seja uma marca demasiado poluída para a visão da direção atual de um governo radicalmente democrático que partilha o poder com seguidores experientes e produtivos. Pelo contrário, abre a possibilidade de desenvolver um novo socialismo baseado no autogoverno e não na ordem e no comando a partir de cima. Agora esta é certamente uma história para uma mídia que está realmente curiosa sobre para onde um governo liderado por Corbyn irá conduzir.

Original: [Viento Sur](#)